



MARLENE DA CONCEIÇÃO TRAJANO

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 05: FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS E PROFSOCIO

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE ENSINO DE  
SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

OFICINA DE VIVÊNCIAS:  
UM OLHAR INTERCULTURAL SOBRE AS COSMOVISÕES E  
APRENDIZADOS INTEGRADO AO TERRITÓRIO E A DIVERSIDADE  
DAS CULTURAS TRADICIONAIS DA FLORESTA

Macapá, Amapá  
2025



## **OFICINA DE VIVÊNCIAS: UM OLHAR INTERCULTURAL SOBRE AS COSMOVISÕES E APRENDIZADOS INTEGRADO AO TERRITÓRIO E A DIVERSIDADE DAS CULTURAS TRADICIONAIS DA FLORESTA**

Marlene Trajano<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O estudo aborda a necessidade de repensar o ensino de Sociologia na Amazônia Setentrional Amapaense, considerando as particularidades socioculturais da região. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Macapá, Amapá, com o objetivo de integrar os fundamentos teóricos da disciplina aos saberes locais, tornando o aprendizado mais significativo ao dialogar com as vivências dos estudantes. Essa abordagem busca valorizar a diversidade cultural e promover um ensino contextualizado.

Como proposta pedagógica, foi desenvolvida uma oficina de vivências sobre cosmologias<sup>2</sup>amazônicas na Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares, envolvendo 85 alunos do terceiro ano do Ensino Médio. A atividade, inserida na Trilha de Aprofundamento da disciplina de Sociologia da Amazônia, explorou narrativas orais, ancestralidade e sistemas de crenças locais, permitindo que os estudantes compreendessem sua influência nas práticas sociais e na organização das comunidades amazônicas.

A oficina se mostrou uma ferramenta essencial para o ensino de Sociologia, proporcionando uma imersão na cultura regional e ampliando a compreensão dos alunos sobre a dinâmica social da Amazônia. Ao trabalhar narrativas orais e tradições, a atividade facilitou uma aprendizagem mais interativa e crítica, conectando os conteúdos sociológicos às realidades locais e incentivando a valorização dos saberes tradicionais.

O material didático produzido demonstra potencial para enriquecer o currículo escolar, suprimindo lacunas deixadas pelos livros convencionais. A inclusão de vivências

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), [marlenetrajano@yahoo.com.br](mailto:marlenetrajano@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Cosmologias é espaço complexo de conhecimento, concepções sobre a ordem do universo funcionando como um móbil de saberes, memórias, mentalidades, tradições e identidades que se matizam através de poéticas de relação, simbólicas e significados. Trata-se de forma que contém verdades específicas, codificadas por significados profundos responsáveis por estruturar compreensões e interpretações ontológicas, que emergem da interação entre cosmovisões e cosmo-sentir, instaurando-se para a formação de um ethos comunitário” (Pereira, 2024, p. 07).

formativas promove uma educação mais inclusiva e prática, fortalecendo o engajamento dos estudantes e reforçando a importância da sociologia aplicada ao contexto amazônico.

A oficina em sala de aula se mostrou uma ferramenta essencial para desenvolver competências críticas nos estudantes, especialmente na disciplina de Sociologia da Amazônia. Ao analisar sistemas de crenças e suas implicações sociais, os alunos foram incentivados a refletir sobre as cosmologias locais, exercitando tanto o pensamento crítico quanto a empatia. Essa abordagem contextualizada permitiu que os estudantes compreendessem as dinâmicas sociais da região a partir de uma perspectiva interna, valorizando as vivências das comunidades tradicionais.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada combinou conceitos sociológicos e antropológicos, utilizando técnicas como observação participante e histórias de vida registradas em diários de escrivências. Esses recursos permitiram uma imersão nos contextos históricos e culturais das comunidades, facilitando a análise de narrativas orais e práticas cotidianas. Além disso, a etnografia visual, com fotos, vídeos e documentários, enriqueceu a compreensão das representações sociais, ajudando a preservar a memória coletiva e o imaginário amazônico.

A oficina não apenas ampliou o repertório sociológico dos alunos, mas também consolidou uma prática pedagógica mais interativa e sensível às realidades locais. Ao integrar vivências, narrativas e recursos multimídia, a proposta fortaleceu a conexão entre teoria e prática, promovendo uma educação crítica voltada a garantia de justiça epistêmica local. Portanto, a experiência demonstrou como o ensino de Sociologia pode ser transformador quando dialoga diretamente com a diversidade cultural da Amazônia.

Esta pesquisa utilizou a análise crítica de conteúdo para examinar discursos, silêncios e relações de poder presentes nos documentos oficiais da educação, materiais educativos e narrativas sobre a Amazônia amapaense. Indo além da simples categorização temática, a abordagem, inspirada em Bardin (2011) questionou a produção e circulação do conhecimento na região, revelando como os currículos escolares frequentemente marginalizam as culturas tradicionais através de perspectivas eurocêntricas e estereótipos como produtos da colonialidade<sup>3</sup>. Ao comparar diferentes fontes, desde documentos

---

<sup>3</sup> A colonialidade é caracterizada como a continuidade da propagação do pensamento colonial, através de uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser (Ballestrin, 2013).

oficiais até registros comunitários, o estudo destacou as contradições entre narrativas hegemônicas e saberes locais, utilizando categorias como identidade, território, memória coletiva, imaginário e representações sociais e simbólicas como eixos analíticos.

Na aplicação prática em sala de aula, essa fundamentação teórica se materializou através de estudos comparativos de narrativas amazônicas, onde os estudantes puderam identificar tanto elementos culturais compartilhados quanto particularidades de cada grupo. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda das complexas relações entre sociedade, espiritualidade e natureza na região. A análise crítica do discurso complementou esse processo, demonstrando como a linguagem constrói representações sociais e mantém relações de poder, ao mesmo tempo em que oferece ferramentas para desconstruir visões estereotipadas sobre as populações tradicionais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os resultados demonstraram que a integração entre análise crítica e prática pedagógica pode transformar o ensino de Sociologia em uma ferramenta de empoderamento local. Ao confrontar diferentes narrativas e vivenciar metodologias participativas, os estudantes desenvolveram não apenas consciência crítica sobre a diversidade amazônica, mas também um forte senso de pertencimento identitário. A experiência mostrou como é possível construir um ensino de Sociologia que, ao mesmo tempo em que analisa as estruturas sociais, valoriza efetivamente os saberes locais e contribui para a preservação das culturas tradicionais frente às narrativas dominantes, que marginalizam e subalternizam<sup>4</sup> sua população.

Despertar o interesse dos estudantes por temas relevantes sempre foi um desafio para nós, professores da educação básica, especialmente quando falamos de uma juventude amazônica que muitas vezes se vê alijada dos currículos escolares convencionais. Assim, tornou-se essencial considerar, como parte integrante do currículo, a continuidade dos saberes, memórias e tradições das narrativas orais, especialmente no contexto da preservação dos conhecimentos locais e de sua relação direta com os

---

<sup>4</sup> O termo “subalterno” de acordo com o pensamento de Spivak (2010) é usado para descrever grupos sociais marginalizados ou excluídos das estruturas hegemônicas de poder e representação, particularmente em contextos coloniais ou pós-coloniais. Devido as suas condições históricas e sociais, o subalterno é silenciado ou representado de maneira distorcida pelas elites dominantes. A autora, argumenta que, mesmo quando se tenta dar voz ao subalterno, essa voz muitas vezes é apropriada ou mediada por discurso de poder, impedindo que se expresse plenamente de forma autônoma.

estudantes. Esse processo reafirma suas identidades e suas histórias polissêmicas, que comportam uma variedade de signos, significados e definições, mutáveis, processuais, complexas e heterogêneas (Ferreira, 2023, p. 02).

A juventude amazônica cresce ouvindo histórias, participando da vida comunitária e assumindo um papel fundamental na manutenção e transmissão dos saberes ancestrais e cosmogônicos, garantindo que esses conhecimentos permaneçam relevantes e dinâmicos, mesmo em meio às constantes transformações do mundo contemporâneo. Ao integrar esses elementos ao ensino de Sociologia da Amazônia, buscamos fortalecer o vínculo dos estudantes com suas raízes e incentivar uma educação que valorize suas vivências, suas tradições e suas múltiplas formas de existência.

Restituir essas vozes historicamente apagadas significa valorizar a diversidade epistêmica e cultural dos povos tradicionais e reconhecer a importância de múltiplas perspectivas na construção de uma sociedade mais democrática e plural. Essa valorização exige um esforço coletivo para ampliar a participação dos sujeitos sociais considerados “subalternos” nos processos de produção do conhecimento. Além disso, é fundamental que esses grupos sejam inseridos de forma ativa na formulação de políticas públicas mais inclusivas e efetivas, capazes de garantir seus direitos e fortalecer suas identidades. Somente a partir desse reconhecimento e dessa participação ativa será possível construir um mundo mais justo e igualitário (Ferreira, 2023).

A inclusão de vozes amazônicas nos currículos educacionais, de forma direta e não mediada, transforma a educação em um instrumento de visibilização e resistência. Esse processo permite que os jovens amazônicos falem e sejam ouvidos, valorizando sua diversidade cultural e seus conhecimentos ancestrais. Para isso, é fundamental ampliar o repertório pedagógico, incorporando diferentes tipos de literaturas, saberes e práticas que ofereçam perspectivas únicas sobre a relação com a natureza, a cultura, a sustentabilidade e o território. Essa abordagem descolonizadora desafia a hegemonia das narrativas coloniais e fortalece as identidades locais. Assim, “ao reconhecer e celebrar suas próprias narrativas, as comunidades resistem não apenas à opressão simbólica, mas também redefinem as bases sobre as quais as artes e as culturas são concebidas” (Pereira, 2024, p. 87).

Ao conectar a realidade vivida pelos alunos e suas comunidades com conceitos teóricos da Sociologia e Antropologia, a oficina estabelece um intercâmbio científico e

cultural baseado em pedagogias voltada ao pensamento decolonial<sup>5</sup> e a interculturalidade crítica. Essa abordagem desafia um currículo escolar historicamente deslocado da realidade amazônica, estruturado na normatização do saber e na regulação de subjetividades, que determina de forma excludente e elitista o que deve ser ensinado e aprendido. Como aponta Apple (2024), essa estrutura molda os indivíduos segundo interesses das classes dominantes, reproduzindo um modelo educacional autoritário e distante das vivências locais.

A Pedagogia Decolonial, na abordagem da interculturalidade, propõe uma reflexão ampla e crítica sobre as diversas maneiras de ensinar e aprender, considerando os espaços plurais e as experiências múltiplas que ocorrem em “territórios pequenos, muitas vezes nem percebidos como lugares pedagógicos” (Streck, 2013, p. 361).

Nesse contexto, as pedagogias decoloniais buscam, de forma crítica, subverter a lógica racional imposta pela colonialidade. Elas se apresentam como expressões de luta e resistência fundamentadas em elaborações teóricas que promovem a decolonialidade. Como afirma Walsh (2009, p. 27), são “pedagogias que se esforcem por transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônico-espiritual que foi, e é, estratégia, fim e resultado do poder da colonialidade.”

Nesse cenário, a interculturalidade surge como um desafio epistemológico, propondo a construção de um mundo alternativo e sensível às múltiplas formas de ser e saber. No entanto, para cumprir esse papel transformador, a interculturalidade precisa ser enriquecida por uma abordagem crítica. Essa visão é apresentada por Catherine Walsh (2009), que busca combater as desigualdades, injustiças e mecanismos de dominação, além de desafiar os padrões de racialização<sup>6</sup>. Esse enfoque questiona as estruturas coloniais de conhecimento e suas consequências, apontando caminhos para práticas pedagógicas verdadeiramente emancipadoras e transformadoras.

---

<sup>5</sup> O conceito de pensamento decolonial, no sentido estrito de uma razão, é uma construção recente, que surge como uma proposta de enfrentamento da colonialidade e o pensamento moderno, principalmente por meio de estudos do grupo Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade, que nos anos 1990, reuniu um grupo formado por intelectuais como, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Ramón Grosfoguel, Santiago Castro-Gómez, Edgard Lander, Arturo Escobar, Nelson Maldonado-Torres, entre outros. (Mota Neto, 2016, p.17). A decolonialidade é vista como um caminho para resistir e desconstruir os padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados ao longo dos séculos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. O pensamento decolonial propõem-se como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos marginalizados e oprimidos, que forma silenciados e apagados por muito tempo pelos domínios da empresa colonial.

<sup>6</sup> Este fenômeno surgiu, principalmente, com as constituições das Américas e a expansão do capitalismo centrado na Europa, tendo como base um padrão de poder que se fundamentava na classificação racial. Na América Latina, a ideia de raça serviu como meio de legitimar a dominação europeia, uma vez que o homem europeu era considerado superior, possuindo uma estrutura biológica e racial distinta (Quijano, 2005).



A interculturalidade crítica, portanto, estabelece uma continuidade com a decolonialidade, funcionando como uma pedagogia reflexiva e transformadora. Ela se apresenta como uma ferramenta poderosa de mudança, fomentando a luta incessante pela construção de um mundo alternativo e por epistemologias diversas. Sua potência reside na capacidade de desafiar as estruturas hegemônicas, promovendo a valorização das identidades, saberes e culturas subalternizadas, enquanto reimagina modos de existir, pensar e ensinar que respeitem a pluralidade e a dignidade dos povos.

O estudo visa, portanto, desconstruir os discursos e estereótipos sobre a região o que implica problematizar a colonialidade do saber<sup>7</sup> e as implicações do modelo moderno ocidental, que, ao longo dos séculos, moldou existências, mentalidades e linguagens. Esse processo atravessou gramáticas, regulações, traumas e dispositivos de interação social, perpetuando comportamentos e experiências baseados em um regime de ser/saber/poder. Como destaca Rufino (2019), essa estrutura colonial se manifesta nas formas concretas de violência impostas aos grupos historicamente subalternizados, exigindo, portanto, ações pedagógicas e políticas que rompam com esses sistemas de dominação e controle.

## **ESTRUTURA PEDAGÓGICA DA OFICINA DE VIVÊNCIAS FORMATIVA EM ESTUDOS DAS COSMOLOGIAS AMAZÔNICAS: UM OLHAR SOCIOLÓGICO INTERCULTURAL E INTEGRADO AO TERRITÓRIO E A DIVERSIDADE DAS CULTURAS TRADICIONAIS DA FLORESTA**

A Oficina de Vivências foi concebida a partir de diálogos com estudantes, que destacaram a necessidade de incorporar epistemologias locais na Trilha de Aprofundamento em Sociologia da Amazônia. Essa abordagem visa legitimar práticas sociais, culturais e saberes ancestrais como fontes de conhecimento, fortalecendo a identidade amazônica e o vínculo dos alunos com suas comunidades. No entanto, esse processo enfrenta o desafio de superar a hegemonia do pensamento ocidental nos currículos, exigindo uma crítica ao eurocentrismo e a construção de uma pedagogia intercultural. A oficina, desenvolvida colaborativamente, propõe justamente essa

---

<sup>7</sup> A colonialidade do saber também é derivada do pensamento moderno, sendo um fenômeno que estabeleceu o desenvolvimento de um padrão de conhecimento global, hegemônico, superior e naturalizado (Lander, 2005). Basicamente, entende-se que a colonialidade do saber é expressa pela negação ou invisibilidade do conhecimento produzido pelos países marginalizados pelos povos do ocidente, sendo estes últimos considerados durante muito tempo superiores racionalmente e intelectualmente.

ressignificação do ensino, integrando ativamente as comunidades tradicionais na produção e validação do conhecimento sociológico.

Para operacionalizar essa proposta, a oficina foi organizada em três etapas interligadas: acolhimento, imersão teórico-prática e culminância reflexiva. O primeiro momento buscou mapear os conhecimentos prévios dos estudantes, preparando para uma aprendizagem contextualizada. Em seguida, as atividades combinavam teoria com vivências simbólicas e artísticas, permitindo uma compreensão mais integral das cosmologias amazônicas. Por fim, a reflexão coletiva consolidou os aprendizados, transformando os estudantes em protagonistas do processo. Essa estrutura não apenas articulou o conhecimento sociológico com as realidades locais, mas também criou um espaço escolar de valorização efetiva dos saberes tradicionais, demonstrando na prática como a educação pode ser um instrumento de descolonização do pensamento.

A Aula 01 da Oficina de Vivências iniciou com um processo de sensibilização sobre as cosmologias amazônicas, criando um espaço de diálogo onde os estudantes compartilharam suas percepções e estereótipos sobre a região. Por meio de uma roda de conversa interativa e recursos audiovisuais como o curta "Encante", o programa "A Hora do Xibé" e outras narrativas introdutórias<sup>8</sup>, explorou-se a diversidade cultural dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, destacando suas visões de mundo interconectadas e o papel sagrado da natureza. Essa abordagem introdutória não apenas despertou o interesse dos alunos, mas também os preparou para uma atividade prática baseada na Aprendizagem por Projetos, na qual, organizados em grupos, pesquisaram narrativas orais com suas comunidades e construíram mapas cosmológicos. Esses mapas, representando origens, personagens e simbologias locais, revelaram como as narrativas fortalecem a memória coletiva e o pertencimento identitário.

Para aprofundar a reflexão, a oficina integrou conteúdos prévios da disciplina de Sociologia da Amazônia, articulando teorias das Ciências Sociais com os saberes tradicionais. O uso do diário de escrituras como estratégia metodológica permitiu que os estudantes registrassem suas experiências e emoções durante a pesquisa, estabelecendo conexões entre suas vivências pessoais e os conhecimentos ancestrais. Essa prática não apenas ampliou sua compreensão crítica sobre as cosmologias amazônicas,

---

<sup>8</sup> Utilizamos como material de apoio o livro "Florestas e rios: a encantaria amazônica" (Alves, 2021) uma obra construída a partir do imaginário amazônico, que é representado por histórias de pessoas que viveram nos seringais, as margens dos rios, povoados por narrativas míticas sobre o universo dos encantados e encantamentos.

mas também ressignificou suas identidades culturais, por meio de suas representações simbólicas e sociais<sup>9</sup> na construção da memória coletiva<sup>10</sup> e no imaginário<sup>11</sup> demonstrando como a educação pode ser uma ponte entre o acadêmico e o comunitário, valorizando epistemologias locais e promovendo uma aprendizagem significativa e decolonial.

Os conteúdos abordados na oficina foram previamente trabalhados na disciplina de Sociologia da Amazônia, contextualizando os temas a partir de autores das Ciências Sociais e estabelecendo conexões entre o pensamento sociológico e antropológico. Durante as aulas, os estudantes tiveram acesso a textos de apoio, imagens ilustrativas e livros sobre narrativas míticas amazônicas, enriquecendo seu repertório sobre as cosmologias da região.

A segunda aula da Oficina de Vivências, realizada no Museu Sacaca, promoveu uma experiência sensorial imersiva intitulada "Conectando-se com a Floresta". Através de uma meditação guiada com sons da natureza e narrativas orais amazônicas, os estudantes foram convidados a fechar os olhos e se conectar com os elementos da floresta, desde o canto dos pássaros até o murmúrio dos igarapés. Essa abordagem multissensorial não apenas despertou memórias afetivas (como lembranças de infância na casa dos avós e histórias sobre seres encantados), mas também permitiu que os alunos registrassem, por

---

<sup>9</sup> Para Moscovici (2012) o estudo sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS), são elaboradas pelo senso comum podendo ser analisadas como ciência, pois tudo o que percebemos no mundo são respostas e estímulos do ambiente no qual vivemos, portanto, vivemos e compartilhamos com os outros imagens, linguagem, formas de cultura que são construídos por representações do grupo ao qual pertencemos. As representações sociais e simbólicas por meio das narrativas moldam a identidade coletiva, torna-se familiar e contribui com a coesão social e o sentido de pertencimento nas comunidades amazônicas. Moscovici, portanto, a partir da TRS ajuda a compreender a dinâmica de como os conhecimentos são construídos e disseminados socialmente, no contexto das cosmogonias amazônicas, esse conceito ajuda a entender como as narrativas orais sobre a criação do mundo são compartilhados, compreendidos, reproduzidos e mantidos vivos nas comunidades amazônicas. As representações sociais nas cosmogonias atuam como força integradoras, criam harmonia nas comunidades, pois organizam as práticas sociais, culturais e espirituais e reafirmam as identidades.

<sup>10</sup> De acordo com Halbwachs, a memória individual está sempre vinculada ao meio social, pois todo indivíduo faz parte de um ou mais grupos de referência. Para o autor, a memória é construída coletivamente, uma vez que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. O processo de rememoração, portanto, não exclui a participação do sujeito, já que “as lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e de objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 2013, p.30). Dessa forma, a lembrança resulta de um processo socialmente compartilhado, sendo influenciada pelo contexto em que está inserido.

<sup>11</sup> Consideramos, portanto, que a dinâmica em que é construído o imaginário parte da significação atribuída a subjetividade e a coletividade, para que os sujeitos se reconheçam nela. Durand (2004) atribui ao imaginário um lugar privilegiado quando relacionado ao mito, definido como resultante da combinação entre imagem e símbolo, os quais transmitem verdades importantes para a sociedade como “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema tende a compor-se em narrativa” (2002, p. 62-63).

meio de fotografias, sua relação emocional com a cultura, a natureza e os seres encantados<sup>12</sup>, fortalecendo seu vínculo identitário com a Amazônia.

A vivência prática no museu, que recria ambientes de comunidades tradicionais, transformou o aprendizado teórico em uma experiência empática e crítica. Ao interagir com representações de rituais, crenças e cosmogonias, os estudantes desenvolveram uma compreensão mais profunda sobre a importância da preservação dos saberes ancestrais. A atividade estimulou não apenas a curiosidade e a interpretação das narrativas míticas, mas também uma reflexão sobre o papel da memória cultural na formação de sua identidade amazônica, demonstrando como a educação sensorial pode tornar o conhecimento sociológico mais significativo e enraizado na realidade local.

A terceira aula da Oficina de Vivências promoveu um diálogo intercultural na Fortaleza de São José de Macapá, onde representantes de comunidades tradicionais compartilharam narrativas ancestrais com os estudantes, fortalecendo a valorização das identidades culturais amazônicas. Os alunos registraram suas reflexões em diários de escrituras e, em seguida, traduziram artisticamente essas histórias através de diversas linguagens, como pinturas, maquetes e livros ilustrados utilizando elementos naturais da região para representar personagens, cenários e símbolos das cosmovisões apresentadas. A culminância em uma exposição para a comunidade escolar criou um espaço de ressignificação do conhecimento, onde as produções artísticas dos estudantes mediavam o encontro entre saberes tradicionais e pensamento sociológico, demonstrando como a educação pode ser construída a partir das vozes e experiências dos povos da Amazônia.

A quarta aula promovemos uma análise comparativa entre narrativas tradicionais amazônicas, como o mito da Cobra Grande e trechos de A Queda do Céu de Davi Kopenawa (2015) e interpretações acadêmicas não indígenas, destacando a marginalização histórica dos saberes orais. Utilizando a metodologia de sala de aula invertida, os estudantes assumiram o protagonismo ao debaterem as diferenças epistemológicas entre essas fontes, criando materiais didáticos (cartazes, mapas conceituais) que evidenciaram tanto os conflitos quanto as complementaridades entre

---

<sup>12</sup> Para Ferretti, os encantados são geralmente representados como: “1. seres invisíveis para a maioria das pessoas, embora algumas possam vê-los; 2. habitantes das encantarias ou “incantes”, localizados “acima da Terra e abaixo do céu”, geralmente em áreas afastadas das comunidades humanas; 3. entidades que tiveram existência terrena e desapareceram misteriosamente, “sem morrer”, ou que nunca possuíram forma material; 4. seres que estabelecem contato com determinadas pessoas por meio de sonhos, em locais isolados (como no mar ou na mata) ou durante rituais mediúnicos realizados em espaços religiosos, como salões de curadores e pajés, barracões de mina, umbanda, terecô e outras tradições afro-brasileiras” (2008, p. 01).

visões indígenas e científicas. A atividade não apenas desenvolveu habilidades críticas e de comunicação, mas também reforçou o valor das cosmologias tradicionais como eixos estruturantes da identidade cultural amazônica, desafiando perspectivas eurocêntricas e valorizando a oralidade como sistema legítimo de conhecimento e preservação da memória coletiva.

A quinta aula, explorou os mitos da Cobra Grande e Cobra Sofia como expressões do imaginário amazônico, relacionando-os aos conceitos de memória coletiva, representações simbólicas e identidade cultural. Os estudantes analisaram narrativas orais coletadas em Santana, comparando-as com outras entidades míticas como o Boitatá, enquanto discutiam a dupla dimensão ecológica e espiritual dos rios na cosmovisão local, incluindo impactos de mineradoras na região, interpretados à luz dessas tradições. Como síntese criativa, produziram mapas narrativos e diagramas visuais através de diversas linguagens artísticas (desenhos, maquetes, esculturas), materializando a relação entre mitologia, território e transformações socioambientais, reforçando o papel dos saberes tradicionais como sistemas dinâmicos de interpretação da realidade amazônica.

A sexta aula, integrou criação literária e gamificação como estratégias pedagógicas, estimulando os estudantes a produzirem coletivamente narrativas inspiradas nas cosmogonias amazônicas (contos, poemas e HQs) que seriam compiladas em um e-book para compartilhamento com alunos do Ensino Fundamental. Paralelamente, desenvolveram atividades lúdicas como quizzes sociológicos temáticos, jogos de tabuleiro com desafios sobre preservação cultural, que simulava problemas territoriais da região, articulando de forma criativa os conteúdos estudados nas aulas anteriores. Essas metodologias ativas promoveram tanto a assimilação crítica dos saberes tradicionais quanto o desenvolvimento de habilidades colaborativas, transformando o aprendizado sobre a Amazônia em uma experiência interativa e multidimensional.

Na sétima aula, encerramos a oficina com uma síntese das aprendizagens adquiridas, apresentando os resultados das produções dos alunos e promovendo uma reflexão coletiva sobre a importância dos saberes ancestrais no entendimento das cosmologias amazônicas e sua conexão com a sociologia. A consolidação dos conhecimentos foi realizada por meio da sistematização dos conceitos sociológicos abordados ao longo da oficina, como identidade, memória, território e imaginário, com ênfase na valorização do protagonismo estudantil.

A oficina culminou com um momento de profunda reflexão coletiva, onde os estudantes foram convidados a analisar os valores universais presentes nas cosmogonias

amazônicas e como essas vivências transformaram sua compreensão da região. Através de expressões criativas, textos, depoimentos e representações simbólicas em folhas ou pedras os alunos materializaram sua nova relação com a floresta e com o pensamento sociológico, demonstrando uma visão mais crítica e conectada com a realidade amazônica. Este processo não apenas valorizou os saberes ancestrais, mas confrontou diretamente a visão eurocêntrica que historicamente marginalizou esses conhecimentos, propondo em seu lugar uma abordagem pedagógica intercultural e decolonial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido evidenciou a necessidade urgente de descolonizar o currículo escolar, rompendo com a tradicional separação ocidental entre cultura e natureza. Como apontado por Rufino (2019), essa transformação exige reconhecer as cosmogonias amazônicas como sistemas complexos e válidos de conhecimento, e não como meras curiosidades folclóricas. Na oficina, o professor assumiu o papel de mediador neste diálogo de saberes, garantindo espaço e autoridade às vozes das comunidades tradicionais. Essa postura permitiu aos estudantes compreenderem como mitos e narrativas ancestrais oferecem ferramentas poderosas para interpretar e interagir com o mundo.

Mais do que uma atividade pedagógica, a oficina se revelou um ato político de reexistência, conectando saberes tradicionais com questões urgentes como a devastação ambiental e a perda de identidades culturais. Ao analisar como narrativas milenares dialogam com problemas contemporâneos, como associar a Cobra Sofia aos impactos da mineração, os jovens perceberam a atualidade e relevância desses conhecimentos. Essa experiência aponta caminhos para uma educação verdadeiramente transformadora, onde a escola se torne espaço de valorização das múltiplas formas de saber e existir, reconhecendo que humanos, rios, florestas e seres encantados compõem juntos a complexa teia da vida amazônica.

A oficina se propôs a destacar as diversas formas de narratividade, rompendo com a visão antropocêntrica e utilitarista do Ocidente, e oferecendo aos alunos uma perspectiva radicalmente diferente sobre a coexistência e interdependência dos seres no universo. Em vez de ensinar o universo poético das encantarias e dos seres encantados como “curiosidades exóticas”, como frequentemente ocorre na formação dos estudantes,

a proposta é tratar essas narrativas como formas legítimas de compreender o mundo, concedendo o devido lugar de fala a quem detém a autoridade sobre esses saberes.

Os estudantes aprendem que os saberes indígenas, caboclos e quilombolas, longe de serem vistos como supersticiosos, são formas sofisticadas de entendimento, com muito a ensinar. Isso garante aos jovens a importância de questionar os próprios fundamentos do currículo escolar, buscando uma educação pluralista e inclusiva.

Descolonizar o saber e valorizar as narrativas ancestrais vai além de uma questão de justiça histórica; trata-se de reconhecer e legitimar os saberes, valores e rituais das comunidades tradicionais e originárias. Isso cria, na escola, um espaço de resistência a colonialidade e à homogeneização do conhecimento, abrindo caminho para uma educação democrática e transformadora. Esse movimento não se limita a um resgate do passado, mas responde ao presente, preservando formas de pertencimento que são fundamentais para a definição das identidades locais.

## REFERÊNCIA

ALVES, Eva da Silva. *Florestas e rios: a encantaria amazônica*. Porto Velho: Educar, 2021.

APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. Porto Alegre: Artmed, 2024.

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, Brasília, mai-ago, 2013.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRETTI, Mundicarmo. *Encantados e Encantarias no Folclore Brasileiro*. VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

FERREIRA, Denny Junior C. *Teria a Amazônia uma juventude para chamar de sua?* Notas iniciais sobre as Amazônia versus (in)visibilidade, projetos de vida e subjetividades juvenis no território paraense. 21º Congresso Brasileiro de Sociologia. Belém, UFPA, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LANDER, Edgard. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntrico. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *A psicanálise: sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTA NETO, J.C. *Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV, 2016.

PEREIRA, Marcos Paulo T. Literatura de resistência: poderes e decolonialidades em identidades narrativas afro-amazônicas. In: *Pelas encruzilhadas literárias: Saberes decoloniais de literaturas amazônicas*. Macapá: Editora Unifap, 2024.

PEREIRA, Marcos Paulo T. *Mundos Indígenas e Cosmologias Amazônicas: Identidades e Contracolonização*. 2024.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2005.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.) *Educação Popular: Lugar de construção social coletiva*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-sistir e re-viver. *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.